

# NOTAS SOLTAS DE NUMISMÁTICA HISPÂNICA (COM UM APÊNDICE NORTE-AFRICANO)

António Marques de FARIA\*

Fecha de recepción: 09/06/2020

Fecha de aceptación: 12/11/2020

## Resumen

En las páginas siguientes se reúne una serie de observaciones centrada en la numismática antigua de Hispania, dispersa en varios textos y planteada desde distintos enfoques. Además de tratar la numismática paleohispánica transmitida en las monedas, hemos decidido, en esta ocasión, ampliar nuestra atención a la antroponimia latina documentada igualmente en monedas. También nos ocupamos, ocasionalmente, de cuestiones iconográficas relacionadas con ciertos temas de \***PauiPon** (Alcácer do Sal). Por comodidad, nuestros comentarios y cecas tratadas siguen un orden alfabético, incluso utilizando los nombres que, pese a no ser los más rigurosos, sí son los más fácilmente reconocibles.

PALABRAS CLAVE: Antroponimia, Hispania, numismática antigua peninsular

## Abstract

The following pages bring together a series of observations, scattered over several texts, raised by certain approaches to specific aspects of Hispanic numismatics in Antiquity. In addition to dealing with Palaeohispanic place and personal names, we have decided, on this occasion, to extend our attention to Latin onomastics also displayed in Hispanic coinage as well as to some iconographic questions regarding the coinage minted in \***PauiPon** (Alcácer do Sal). For the sake of convenience, our comments follow the alphabetical order of the addressed mints without a special concern for the accuracy of their official names.

KEYWORDS: Anthroponymy, Hispania, Ancient Coinage, Iberian Peninsula

## Bibilis

**P**arece-nos agora mais prudente limitarmo-nos a transcrever as abreviaturas do *nomen* e *cognomen* — G(aius) POM(...) CAPE(...) — de um dos duúnviros que comparece em *RPC* I 397, em vez de as desenvolvermos em POM(*peius*) CAPE(*lla*) (Faria, 1994a, p. 51, n.º 295; Curchin, 2015, p. 57, n.º 455), conquanto sejam estes os desdobramentos mais prováveis. Deste modo, nada obsta a que POM(...) esteja por POM(*ponius*) ou que CAPE(...) abrevie *Capellianus*, *Capellius* ou *Capellinus*.

Depois da publicação do catálogo das moedas hispânicas do Instituto de Valencia de Don Juan (Ruiz, 2000), magnificamente ilustrado, nenhuma dúvida podem subsistir quanto à identificação das letras que abreviam o *nomen* dos duúnviros mencionados na emissão *RPC* I 397A (Ruiz, 2000, p. 154, n.º 3091). A abreviatura em causa é, com toda a certeza, MANL (Faria, 2002, p. 136), lida MAL desde que publicado o primeiro dos dois asses pertencentes à emissão em análise (Blázquez, 1987–1988, *passim*).

\* Direcção-Geral do Património Cultural. E-mail: [afaria@dgpc.pt](mailto:afaria@dgpc.pt)

Conjugando as leituras das legendas gravadas nos numismas actualmente documentados (<<https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/coins/1/397A>>), G MAL SERA[N] (Faria, 1994a, p. 48, n.º 234; 1996, p. 165) deve dar lugar a G(aio) MANL(io) SERANO e [...] MAL BVCCO (Faria, 1994a, p. 48, n.º 233; 1996, p. 164) a D(ecimo) MANL(io) BVCCO(ne). O exemplar reproduzido por Ruiz (2000, p. 154, n.º 3091) parece exibir o nexu AN em SERANO, não sendo, por outro lado, de excluir a hipótese de ser P(ublio) o praenomen do segundo duúnviro.

Para surpresa nossa, a existência destes dois magistrados bilbilitanos foi ostensivamente ignorada por Curchin (1990; 2015).

### Carteia

Tanto Padilla (2011, p. 255) como Curchin (2015, p. 30, n.º 68) não se deram conta de que o quadrúnviro C. Minius, documentado em CNH 417:50–57, exerceu o cargo por quatro vezes (Faria, 1994a, pp. 48–49, n.º 252; 1994b, p. 123; 1996, p. 166; 2004a, pp. 609–610; 2005a, p. 633).

Ao basear-se na louvável obra de Chaves (1979), pioneira na seriação das bastante problemáticas cunhagens de Carteia, Sisani (2018a, p. 55, fig. 4) enganou-se rotundamente na transcrição das legendas que veiculam o nome e o cargo do magistrado em questão, o mesmo sucedendo, de resto, a Portillo (2017, pp. 44–45).

A circunstância de C. Vibius (CNH 417:48, 50–54) — que foi quadrúnviro, em dois anos distintos, na companhia de C. Minius — figurar numa emissão anterior (CNH 417:48) com o cargo de edil (Faria, 1994a, p. 56, n.º 397; 1996, p. 176) não indicia nada de inusitado, ainda que Curchin (2015, p. 29, n.º 67) continue a admitir a possibilidade de estarmos perante magistrados homónimos.

Padilla (2011, p. 259) lê em CNH 418:51–51 e em VIVES 128:6 a iteração da magistratura quadrúnviro de C. Vibius como II, quando, em todos os casos, há que ler como IT(erum) (Faria, 2004a, p. 610).

Apresentamos de seguida a ordenação das legendas das moedas carteienses que incluem referências aos quadrúnviros C. Minius e C. Vibius (Faria, 2004a, pp. 609–610; 2005a, p. 633):

- CNH 417:50. Anv.: CARTEIA. Rev.: C(aius) VIBI(us) IIII VI(r) – C(aius) MINI(us) IIII VIR.
- VIVES 128:5. Anv.: [CARTEIA] (externa). Rev.: C MINI(us) IIII VIR (externa) – C VIBI(us) IIII VI(r) (externa).
- CHAVES 798. Anv.: [CARTEIA] (externa). Rev.: C VIBI IIII VI(r) (externa) – C MINI(us) IIII VI(r) (externa).
- CNH 418:55. Anv.: IIII VIR TER(tium). Rev.: CARTEI(A) – C(aius) MINI(us) Q(uinti) F(ilius).
- CNH 418:56. Anv.: IIII VIR TER(tium). Rev.: CARTEI(A) – C(aius) MINI(us) Q(uinti) / F(ilius).
- CNH 418:57. Anv.: IIII VIR TER(tium). Rev.: CARTEI(A) – C(aius) MINI(us) / Q(uinti) F(ilius).
- CNH 418:51. Anv.: CARTEIA. Rev.: C(aius) VIB[I](us) [IIII VIR IT(erum)] – C(aius) MINIVS / IIII VIR IV (quartum).
- CNH 418:52. Anv.: CARTEIA. Rev.: C(aius) MINI(us) IV (quartum) / C(aius) VIBI(us) IT(erum) – IIII VIR(i).
- CNH 418:53. Anv.: CARTEIA. Rev.: C(aius) MINIVS IV (quartum) / C(aius) VIB(ius) IT(erum) – IIII VIR(i).

- CNH 418:54. Anv.: CARTEIA. Rev.: C(aius) MINI(us) IIII VIR / IV (*quartum*) – C(aius) VIBI(us) IIII VIR / IT(erum).
- VIVES 128:6. Anv.: CARTEIA. Rev.: C(aius) MINIVS Q(uinti) F(ilius) / IIII VIR IV (*quartum*) – C(aius) VIBI(us) IIII VIR / IT(erum).

### *Cascantum*

Na entrada respeitante a este NL, Jordán (2019, pp. 286–287) decidiu ignorar as linhas que havíamos consagrado ao mesmo alguns anos antes (Faria, 2011 [2012], p. 162). Apesar da argumentação aduzida por Jordán (2019, pp. 286–287) no sentido de sustentar uma ascendência indo-europeia e especificamente céltica para \**Cascanta*, a verdade é que não nos parece razoável excluir por completo uma filiação ibérica para o dito NL, sobretudo se identificarmos a base deste último com o membro inicial do NP **CaśCanCeTin** (H.7.1) (Faria, 1995b, p. 327; 2004b, p. 305; 2011 [2012], p. 162). Não obstante, tal como avançámos noutra oportunidade (Faria, 2011 [2012], p. 162), **CaśCan** poderia filiar-se num segmento/vocábulo de origem céltica, pelo que **CaśCanCeTin** poderia ser entendido como híbrido, a exemplo de dezenas de outros NNP ibéricos em cuja composição entraram lexemas pertencentes àquele idioma (Faria, 2008a [2009a], p. 77). Em reforço desta eventualidade, podemos aduzir os diversos testemunhos do radical *casco-* na onomástica céltica, recentemente arrolados por Delamarre (2019, pp. 193–195).

A alteração de género gramatical não constitui obstáculo de monta para a adopção da nossa tese: haja em vista, entre outros casos, os exemplos fornecidos por Σαγανθα ~ τὴν Ζάκανθαν (ac.) / *Saguntum* ~ *Saguntus* (fem.) (González, 1995, pp. 1233, n. 212, 1313–1314; Faria, 2011 [2012], p. 162; *MLH* VI, pp. 614–615), Ακράγας ~ *Agrigentum* (Pellegrini, 1990, pp. 79–80; González, 1995, pp. 1233–1235; 2003, pp. 140–141) ou Τάρας ~ *Tarentum* (González, 1995, pp. 1233, n. 213, 1235; 2003, p. 140 e n. 3), em que as formas latinas, prováveis locativos, terão sido refeitas a partir das versões gregas dos correspondentes NNL nos casos oblíquos (Pellegrini, 1990, pp. 79–80; González, 1995, p. 1233 e n. 213; 2003, pp. 140, 142).

### *Clunia*

Seguimos aqui a leitura M(*arcus*) AVO(*n(i)us*), que Agustín (1587, p. 308) deu do nome de um dos quadrúviro mencionados em *RPC* I 452. Tal identificação afigura-se nos irrepreensível à luz das condicionantes antroponímicas enunciadas noutra ocasião (Faria, 1994a, p. 38, n.º 39). A transcrição M(*arcus*) AN(*t*)O(*n(i)us*), advogada por Curchin (2015, p. 66, n.º 635), é, por razões óbvias, completamente inaceitável.

Parece-nos agora mais prudente limitarmo-nos a transcrever as abreviaturas do *nomen* e *cognomen* do quadrúviro T(*itus*) POMP(...) LONG(...) (*RPC* I 456–457) em vez de as desenvolvermos em POMP(*eius*) LONG(*inus*) (Faria, 1994a, p. 51, n.º 295) ou em POMP(*eius*) LONG(*us*) (Curchin, 2015, p. 67, n.º 644). Deste modo, nada obsta a que POMP(...) esteja por POMP(*onius*), podendo LONG(...) abreviar *Longus* ou *Longinus*.

### *Colonia Romula*

Seguindo a suspeita inicialmente levantada por Hoyos (1979, p. 442, n. 18), num texto publicado há mais de quinze anos (Faria, 2006, p. 217), chegámos à conclusão de que, se quisermos averiguar qual a titulação completa da *colonia Romula Hispalis*,

entre a opinião expressa por Isidoro de Sevilha (*Etym.* 15.1.71), defensora da inclusão na mesma do *nomen Iulia*, e as informações disponibilizadas quer por Plínio-o-Velho (*nat.* 3.11), quer, em especial, pelas moedas que ali foram cunhadas durante o principado de Tibério (*RPC* I 73–76), que não validam tal possibilidade, preferimos optar por estas últimas.

Decorre desta nossa explanação que Caballos (2017, pp. 200–202) não se encontra de modo nenhum habilitado a reivindicar a prioridade na defesa do carácter espúrio da aplicação do *nomen Iulia* à *Colonia Romula Hispalis*.

### *Corduba*

Tal com vimos defendendo há bastantes anos (Faria, 1994a, pp. 36, 46, n.º 198), *Cn(aeus) Iuli(us) L(ucii) f(ilius)*, mencionado em *CNH* 401:1–4, terá exercido o cargo de questor provincial, sendo este igualmente o parecer expresso por Sisani (2018b, pp. 336, n. 31, 352), que omite a bibliografia anterior.

Amela (2018a, p. 32, n. 135) não concorda com a nossa posição, mas não chega a invocar um só indício que questione os respectivos fundamentos.

### *Emerita*

Continuamos a sustentar que todas as emissões monetárias em nome de P. Carísio, tanto as de prata, produzidas entre 25 e 23 a.C., como as de bronze e oricalco, ligeiramente posteriores àquelas (23–22 a.C.), foram cunhadas na ceca da *colonia Augusta Emerita* (Faria, 1989a, p. 95, n. 27; 2006, p. 212; 2007a, p. 306), apesar da posição em sentido contrário assumida por diversos autores (Vives, 1924, p. CLXXV, n. 2; Centeno, 1984–1985, p. 144; 1987, p. 92; Saquete, 2005, pp. 378–379; García-Bellido, 2004, p. 78, n. 89; 2005, pp. 36, 38; Trillmich, 2019, p. 88, n. 4; Antón, 2019, p. 47, n. 11). Chegámos àquela conclusão não só a partir da análise dos achados monetários, mas, e sobretudo, através da observação da ligação de cunhos de anverso entre os denários n.ºs 1033 (= *RIC* I<sup>2</sup> 2) e 1039 (= *RIC* I<sup>2</sup> 9) da Biblioteca Nacional de França, ligação esta que, tal como nos cumpria assinalar (Faria, 1989a, p. 95, n. 27), não escapou a Giard (1976, p. 162).

No que toca às moedas de bronze e oricalco da série imperial, a justificação para a sua atribuição à ceca de *Emerita* reside no facto de pelo menos um cunho de anverso dos asses do tipo *RIC* I<sup>2</sup> 11b, que exhibe a porta de *Emerita* no reverso, ter sido retocado mediante a aposição do título CAESAR antes de voltar a ser utilizado na produção de dupôndios pertencentes à emissão *RIC* I<sup>2</sup> 12–25, que leva como tipo de reverso uma legenda relativa ao nome e ao cargo de Carísio (Faria, 1989a, p. 92).

Todas estas considerações acerca das primeiras produções monetárias de *Augusta Emerita* (Faria, 1989a, pp. 92, 95, n. 27; 2006, p. 212; 2007a, p. 306) foram indevidamente atribuídas por García-Bellido (2004, p. 78, n. 89) e por Saquete (2011, pp. 118, 120 e n. 44) a Cebrián (2003, p. 100).

### *Ercauica*

Curchin (2015, p. 71, n.º 729) esqueceu-se de assinalar que a correcta restituição do *cognomen Alacer*, correspondente a um dos duúnviros referidos em *RPC* I 462, já figurava em Faria (1994a, p. 42, n.º 99).

**iCesanCom / ConPouTo**

Jordán (2019, p. 322) não hesitou em outorgar a Untermann (*MLH* VI, pp. 430, 433) a autoria da interpretação de *\*ikedo-*, *\*igedo-*, deduzida da legenda **iCesanCom** (*CNH* 243:1), como “forma monoptongada de *Igaeda*”. Lamentavelmente, o mesmo autor esqueceu-se de referir que, há alguns anos (Faria, 2014, p. 174), além de fazermos corresponder **iCesanCom** a /igedankom/, identificámos *\*igaid-*, o radical do presumível NE lat. *\*Igedani* < celt. *\*Igedanoi*, com o que subjaz ao NE *Igaeditani* e ao NL *Igaedus* (Prósper, 2002, p. 217).

**Ilici**

Parece-nos agora mais prudente limitarmo-nos a transcrever as abreviaturas do *nomen* e *cognomen* do duúnviro quinquenal L(*ucius*) PAP(...) AVIT(...) (*RPC* I 198–199) em vez de as desenvolvermos em PAP(*irius*) AVIT(*us*) (Faria, 1994a, p. 51, n.º 285; Curchin, 2015, p. 72, n.º 754), ainda que sejam estes os desdobramentos mais prováveis. Deste modo, nada obsta a que PAP(...) esteja por PAP(*ius*) (Mayans, 1771, p. 88) ou que AVIT(...) abrevie *Auitianus*.

Curchin (2015, p. 72, n.º 751) atribui-nos a autoria da expansão da abreviatura CAR(...) em CAR(*bo*), que corresponde ao duúnviro quinquenal Q(*uintus*) PAPIR(*ius*) CAR(...) (*RPC* I 245), mas a verdade é que a prioridade de um tal desdobramento deve ser conferida a Foy-Vaillant (1688, p. 53).

Curchin (2015, p. 72, n.º 753) identifica L(*ucius*) TER(*entius*) LON(...) (Faria, 1996, p. 174), *tria nomina* abreviados de um dos duúnviros quinquenais mencionados em *RPC* I 198–199, como L(*ucius*) TERENTIVS LON(*gus*<sup>3</sup>), não tendo ponderado a hipótese de a abreviatura do *cognomen* se expandir em *Longinus* (Faria, 1994a, p. 54, n.º 363).

**ilTuCoiTe**

Passados que foram quase quinze anos sobre o que escrevemos acerca da possível relação entre a legenda monetária **ilTuCoiTe** (*CNH* 225:1–3) e **ToCoiToó** (BB I), outro provável NL, escapa completamente ao nosso entendimento que Jordán (2019, pp. 576, 750–751) continue a preconizar a segmentação de **ilTuCoiTe** em **il-TuCoiTe**.

Partindo do pressuposto de que **ilTuCoiTe** e **ToCoiToó** são denominações que se reportam a uma mesma cidade (Villar & Jordán, 2001, pp. 138–139; Jordán, 2004, p. 331; 2004 [2005], p. 294), **ilTuCoiTe** deverá consistir numa haplogia de **\*ilTu(To)CoiTe** (Faria, 2006, p. 120; 2008b [2009b], pp. 150–151).

Conforme deixámos bem claro noutra ocasião (Faria, 2006, p. 120), não há nenhuma prova, nem sequer o mais pequeno indício, de que “el apelativo ibérico para ‘ciudad’ es **il-**” (Jordán, 2019, p. 576).

Também Prósper (2007, p. 736; 2008, pp. 28–29) recorreu à mesma argumentação — redução haplológica de **\*ilTuToCoiTe** — no intuito de sustentar a identidade entre ambos os NNL, **ilTuCoiTe** e **\*ToCoits**, mas, certamente por esquecimento, omitiu o nome de quem a precedeu na formulação de tal raciocínio.

Em bom rigor, importa referir que já Ballester (1996, p. 170; 2004 [2005], p. 268) admitira **ilTuCoiTe** como iberização de **ToCoiTos**, mas, ao limitar-se, no mais recente dos artigos citados, a prescrever **ilT-TuCoiTe** como adaptação ao ibero, não chegou a considerar que o NL iberizado poderia resultar da haplogia de **\*ilTuToCoiTe**.

*Laelia*

Moreno (2019, p. 238) atribui a Chaves (2005, p. 62) a autoria do estabelecimento de uma datação entre 30 e 27 a.C. para uma das emissões produzidas em *Laelia* (RPC I 54) Não cremos, contudo, que se possa deduzir uma tal cronologia das palavras de Chaves, que coloca a referida emissão nos anos 30 do século I a.C. Em contrapartida, cabe-nos a nós a proposta de incluir a emissão RPC I 54 no período que medeia entre 31 e 27 a.C. (Faria, 1989a, p. 91; 1989b, pp. 108–109; 1992, p. 34; 1993, p. 142; 1999, p. 268; 2004a, p. 609; 2007a, p. 307). Esta, porém, é uma informação que Moreno decidiu omitir aos seus leitores.

*Lascut(a<sup>2</sup>)*

Em alternativa a *Opsilius*, o *nomen* do magistrado que surge abreviado em CNH 127:5 pode também corresponder a *Opsius* (Faria, 2009 [2010], p. 159) ou, mais remotamente, a *Opsidius*.

Padilla (2011, pp. 257–258) não contempla a possibilidade de o *nomen Opsilius* estar documentado fora das moedas de *Carteia*, mas não é de descartar que o mesmo esteja abreviado na emissão lascutana aqui comentada.

Voltamos nesta oportunidade a corrigir a abreviatura do *nomen* — OPS (Ripollès, 2005, p. 88, n.º 470–471; Faria, 2006, p. 225; 2009 [2010], p. 159), e não OPSI (Faria, 1994a, p. 51, n.º 280; DCPH I, p. 51; DCPH II, p. 266; Chaves, 2012, p. 195; Curchin, 2015, p. 92, n.º 1031).

Apesar de a leitura já ter sido emendada há algum tempo, Estarán (2019, p. 411) insiste em transmitir a lição OPSI.

Também Correa (2009a, p. 306; 2009b, p. 275) postula a transcrição OPSI, além de, incompreensivelmente, conferir uma origem turdetana ao *nomen* em causa.

Chaves (2012, p. 195) parece seguir Correa nesta improvável atribuição linguística, equivocando-se ainda ao veicular a informação de que, pelo menos numa ocasião (Faria, 2009 [2010], p. 159), chegámos a encarar o NP em causa como ibérico.

*Lepida-Celsa*

Curchin (2015, p. 65, n.º 616) fornece uma transcrição errónea do nome de um dos edis mencionados em RPC I 267: L(*ucius*) CAL(*purnius*) em detrimento de L(*ucius*) CALP(*urnius*) (Faria, 1999, p. 270; 2007a, p. 310).

*Murtilis*

Não nos parece exequível a defesa da identificação do magistrado L(*ucius*) AP(...) DEC(...) (CNH 377:1–3, 6–7) com um alegado homónimo, pretense questor de Sexto Pompeio (Faria, 2001a, pp. 73–74; *contra*, Caballos, 2005, p. 421 e n. 48). Conquanto não tenha citado a bibliografia em que, por manifesto erro, se baseou, também Roddaz (2000, p. 265), seguido acriticamente por Allély (2004, pp. 89–90) e por Augier (2018, p. 453, n. 13), colocou Sexto Pompeio a reconquistar *Murtilis* em 44 a.C., pondo-o igualmente a retomar *manu militari*, naquele mesmo ano, mais duas cidades, *Vrso* e *Baelo*.

Não podemos, em todo o caso, deixar de louvar Caballos (2005) por ter resistido a encarar L AP DEC como a abreviação de uma fórmula administrativa púnica, uma interpretação que, desde que foi aventada por García-Bellido (1993, p. 123), tem gozado

de uma avassaladora popularidade (v., por último, Amela, 2012, p. 81), apesar das críticas, até hoje por rebater, que lhe dirigimos há algum tempo (Faria, 1995a, pp. 148–149). Um dos factores que, na nossa óptica, obsta decisivamente à sua aceitação reside na presença dos *tria nomina* de um outro magistrado, L(*ucius*) AC(*ilius*) MANL(*ianus*) (Faria, 2006, p. 225) ou L(*ucius*) AC(*ilius*) MAL(*leolus*) (Faria, 1994a, p. 37, n.º 9; 1994b, p. 123; 1995a, p. 149; 2006, p. 226), em moedas do tipo CNH 377:4 com tipologia idêntica às que são assinadas por AP DE, L A D E, L AP D[E?], LAPDE e L AP DEC (Faria, 1995a, pp. 148–149).

### Obulco

Tal como tivemos oportunidade de explicar circunstanciadamente (Faria, 2011 [2012], p. 151), há que ler este NP, atestado em CNH 141:3, como ATIITAN, e não, conforme pretende Simón (2019, p. 74), como ATITAM.

Trata-se, decerto, de um NP, possivelmente abreviado (Faria, 2011 [2012], p. 151), não havendo, do nosso ponto de vista, qualquer razão para secundar Simón (2019, p. 74) na hesitação por ele revelada acerca da natureza antroponímica de ATIITAN(?). Sem prescindirmos das análises por nós subscritas para este NP (Faria, 2011 [2012], p. 151), vimos agora, com base nas reflexões expendidas por Prósper (2005, pp. 296–297), propor o reenvio do mesmo para uma protoforma céltica \**Ad-text-ānos*.

No tocante à legenda gravada nos anversos de CNH 342:5, Simón (2019, p. 61), dando continuidade a uma já vasta tradição, vem dar um novo fôlego a CONIPP, um evidente erro de leitura que deve dar lugar a CONIPR (Faria, 1991, p. 18; 1994a, p. 43, n.º 125; 1996, p. 158; 2000, p. 130; 2007b, p. 215; 2011 [2012], p. 151; 2018, p. 118). Trata-se, naturalmente, de um NP abreviado, não havendo, do nosso ponto de vista, qualquer razão para secundar Simón (2019, p. 61) na hesitação por ele revelada acerca da natureza antroponímica de CONIPR(...).

Nos reversos das moedas cujos anversos ostentam o NP CONIPR(...) (CNH 342:5), figura um outro NP, AIDAR, passível igualmente de ser lido como AIDIAR ou AIDVAR. Continuamos a considerar que é preferível ver em AIDAR / AIDIAR / AIDVAR um idiónimo ibérico (Faria, 2000, p. 125), em detrimento da designação de um inverosímil cargo — AID(*ilis*) AR(...?) (Curchin, 2015, p. 39; Estarán, 2019, p. 180).

### \**Ocela* < oCelaCom

Dando continuidade a uma conduta que só pode merecer a nossa mais veemente repulsa, Jordán (2019, pp. 292, 324, 533–534) omite deliberadamente, a propósito de oCelaCom (CNH 289:1–2), dois factos indiscutíveis:

1. Fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, outrora conhecida por oCalaCom (Faria, 2003, pp. 224–225), sendo um facto indesmentível que o texto de Rodríguez (2001–2002 [2003], pp. 431–432), citado por Jordán, veio a lume largos meses depois do nosso (Faria, 2003, pp. 224–225);

2. Fomos nós que, pela primeira vez, identificámos \**Ocela* com *Hocilis* / *Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras, surge corrompida no relato de Apiano (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003, pp. 224–225).

**\*PauIPon**

Moreno (2019, pp. 66, 67) atribui a Mora (2011, p. 98) a interpretação do *skyphos* exibido em *CNH* 134:11 como figuração simbólica do Hércules *bibax*, referenciado em vários autores clássicos. Trata-se, contudo, de uma atribuição indevida (Faria, 1989a, p. 94 e n. 130; 1995a, p. 145), facilitada pela intrigante omissão dos nossos contributos (em especial do mais recente) por parte de Mora (2011, p. 98 e n. 69).

Aproveitamos esta oportunidade para corrigir Mora (2011, pp. 76 e 86, n. 33) na identificação da efígie que ocupa o reverso de *CNH* 134:9. Atenta a evidente representação de um tridente atrás da cabeça da divindade em questão, esta só pode corresponder a Neptuno (Faria, 1989a, pp. 92, 94, 98; 1992, pp. 39–42), e não a Heracles/Melqart. Este mesmo erro, dificilmente compreensível depois da publicação do exemplar pertencente ao Museu Municipal Santos Rocha (Faria, 1992, pp. 39–40), foi também cometido por García-Bellido & Blázquez (*DCPH* II, p. 335).

Em contrapartida, escapa ao nosso entendimento que Mora (2011, p. 86) e Moreno (2019, pp. 64, 65) atribuam a Posídon-Neptuno a cabeça de uma divindade masculina barbada, que apresenta como principal atributo distintivo uma coroa de louros (*CNH* 134:5). Tão-pouco se compreende a identificação da mesma efígie, que julgamos corresponder a Júpiter (Faria, 1989a, pp. 89–92; 1992, pp. 41, 42, 43; 1995a, p. 144), como pertencente a um Melqart africano, tal como preceituam García-Bellido & Blázquez (*DCPH* II, pp. 333, 334).

Mora (2011, p. 86) tem toda a razão em reconhecer nos anversos de *CNH* 134:5 um ceptro na linha recta formada por finos pontos, que se encontra discretamente gravada sob o pescoço da divindade. Trata-se evidentemente de um objecto que se associa por via de regra a Júpiter, e não a Neptuno, tal como se pode constatar na observação dos anversos dos denários de *L. Rubrius Dossenus* (*RRC* 348/1).

Não constitui nenhuma novidade a ocorrência, nas moedas de **\*PauIPon**, de diversas legendas em caracteres latinos, e em língua latina, um facto óbvio, cuja existência Simón (2019, p. 77) ainda não soube reconhecer. É este o caso de *CANTNIP EDNIS/AE F* (*CNH* 134:10), uma legenda que, durante muitos anos, transcrevemos como *CANTNIP EDNI/‘AE’ F*, ou, em alternativa, como *CANTNIP EQNI/AE F* (Faria, 1989a, p. 85 e n. 72; 1992, p. 43; 1994b, p. 122).

Nesta ocasião, porém, admitimos a eventualidade de o que julgámos ser a estilização de uma das garras do leão cuja pele cobre a cabeça de Hércules poder corresponder a uma letra, especificamente a um S. Tal já era o entendimento de Villaronga (*CNH*, p. 134), conforme se deduz da transcrição por este alvitrada: *CANINIE ED(NIS)*.

A confirmar-se esta nossa proposta de leitura, *\*Ednisa* conformaria um NP (presumivelmente masculino, dado o contexto) a incluir na onomástica céltica. O tema *edno-*, enquanto testemunho da lenição da oclusiva dental surda patente na forma original *etno-* ‘ave’ (Delamarre, *DLG*, p. 168; 2019, p. 338), encontra um só paralelo em *EDNOVM* (gen. pl.) (K.3.7) (De Bernardo Stempel, 2002 [2003], p. 113, n. 125; 2003, p. 191; 2017, pp. 260–261; Prósper, 2005, p. 274 e n. 346). A observação da foto que reproduz o vocábulo em questão (*MLH* IV, p. 629) leva-nos a adoptar sem reservas o parecer emitido por Untermann (*MLH* IV, p. 630) e a descartar por completo as dúvidas manifestadas por Jordán (2019, p. 903) a respeito da fidedignidade da lição *EDNOVM*: o primeiro signo não pode ser senão um E formado por duas barras verticais.

Quanto à forte probabilidade, em face do contexto, de *\*Ednisa* identificar o patrónimo em vez de matrónimo, a mesma assenta na circunstância de o sufixo

hipocorístico céltico *-isā* (maioritariamente *-issā*) figurar sobretudo em NNP masculinos (Weisgerber, 1933, pp. 16–17; Faria, 2011, p. 155; Stüber, 2013, pp. 165–166; *contra*, De Bernardo & alii, 2012, p. 122; Faria, 2013, p. 192).

### PenTian

Continuamos a considerar inteiramente legítimo o relacionamento da legenda monetária **PenTian**, constante de *CNH* 257:1–8, com o apelativo paleobasco *\*bendi* (Trask, 1997, p. 174), correspondente a ‘montanha, monte’ (Faria, 2001b, pp. 98–99; 2002, p. 125, 2011 [2012], p. 158).

Não temos dúvidas em afirmar que o mais recente tratamento conferido por Jordán à presente legenda monetária (Jordán, 2019, pp. 338–340) abandonou os limites da ligeireza (Faria, 2011 [2012], p. 158) para passar a ser uma indesmentível demonstração da mais deplorável malevolência. Mesmo depois de o termos corrigido (Faria, 2011 [2012], p. 158), Jordán (2019, pp. 338, 339) voltou a atribuir de maneira indevida a outrem — designadamente a De Hoz (1995, pp. 274–275) — a autoria da detecção em diversos NNL do sufixo de locativo *-n* que diversos investigadores haviam individualizado muito antes dele (Caro, 1943, pp. 11–12, 22, 23 = 1988<sup>3</sup>, pp. 72–73, 83, 84; 1947, p. 233 = 1988<sup>3</sup>, p. 159; 1954, p. 741; 1985, p. 47; Vallejo, 1946, pp. lii–liii; *MLH I* 1, pp. 89, 244, 246).

A malevolência a que acima aludimos fica bem patente neste excerto, cujo conteúdo não podemos deixar de lastimar por mais do que uma razão: “Faria 2001[b], p. 98, consideraba que hay que leer la leyenda como **mendian** y la explicaba, obviamente, como vasca”.

Dada a reincidência evidenciada por Jordán, não temos outro remédio senão voltar a desmenti-lo, desta vez de uma maneira mais categórica: é completamente falso que alguma vez **mendian** tenha sido a transliteração que conferimos a **PenTian**. É, aliás, o próprio Jordán que, num trabalho de que é coautor (Villar & alii, 2011, p. 129, n. 133), se encarrega de desmontar o logro por ele próprio criado: “A. Marques de Faria 2001[b], p. 98 transcribe con dos sonoras: **bendia**, con lo que facilita la propuesta de una etimología vasca que a continuación pasa a realizar”.

Admitimos que a transliteração **bendian**, já subscrita por Tovar (1951, p. 296), se adequava à interpretação linguística que formulámos a partir da mesma. Importa reconhecer, porém, que **bentian**, a transliteração que continua a ser perfilhada por Jordán (2019, pp. 338–340), peca igualmente por falta de rigor, devendo ser abandonada em favor de **PenTian**. É este último modelo de transliteração, preceituado há mais de meio século por Lejeune (1955, p. 88) para o celtibero, que decidimos adoptar já há alguns anos.

### PolśCen / PolśCan

Como é sabido, a transliteração **PolśCen**, que chegámos a adoptar sem reservas (Faria, 2003, pp. 218–219; 2004c, p. 178; 2005a, p. 632; 2005b, pp. 275–277), foi proposta por Rodríguez (2000, pp. 44, 45, n. 6, 53) num artigo que veio pôr fim à unanimidade existente em torno de **PolśCan**, a transliteração tradicional da legenda toponímica reproduzida em *CNH* 211:1–15.

Creemos que **PolśCen / PolśCan** é o resultado da evolução de *\*boleścen / \*boleścan* por síncope vocálica (Faria, 2003, pp. 218–219; 2004c, p. 178; 2005b, p. 275, 2008a [2009a], pp. 69–70). Esta nossa exegese, que Jordán (2019, p. 341) atribuiu ilegitimamente a Untermann (*MLH VI*, pp. 278, 580), foi há pouco confirmada pela

atestação, na Rocha 4 da Zona 2 de Err, na Cerdanha, dos NNP **belśco** < \**beleśco* / BELEXCO e **belśtar** < *beleśtar* (Ferrer, 2010, p. 55; Campmajo & Ferrer, 2010, p. 260).

Cumpre-nos, no entanto, lamentar que, nos artigos citados (Ferrer, 2010, p. 55; Campmajo & Ferrer, 2010, p. 260), Ferrer tenha evitado qualquer alusão ao facto de termos detectado precisamente o mesmo metaplasmo na legenda monetária **PolśCen** / **PolśCan**.

Dada a forte probabilidade de o <n> com que encerra a legenda monetária **PolśCen** / **PolśCan** corresponder a um sufixo de locativo (Vallejo, 1946, pp. lii–liii; Caro, 1947, p. 233 = 1988<sup>3</sup>, p. 159), o NL a ela subjacente deverá ter sido \**Bolesce* (Faria, 2005b, p. 276) ou \**Bolesca*. Nesta última eventualidade, seria lícito individualizar o radical \**bol(e)* (Faria, 2003, p. 219; 2005b, p. 276; 2008a [2009a], pp. 69, 70), já isolado por Guitier (1975, pp. 43–44; 1989, p. 800) noutros NNL, seguido do conhecido sufixo indo-europeu \*-(e)-sko-, presente, e.g., em *Virouesca* < *Virouia* (Villar, 2005, p. 483).

No caso de **PolśCan** configurar a transliteração adequada, e no pressuposto, que não podemos excluir liminarmente, de que se trata de um NL completo (\**Bolescan*), talvez haja que equacionar a hipótese de o elemento final corresponder à origem do basco *gain* < *gan* < \**can* ‘alto, altura, lugar elevado, cimo, topo, etc.’ (Silgo, 2013, p. 104). \**Bolescan* encontrar-se-ia, deste modo, em contraposição topográfica com a vizinha cidade de \**Boletum* / \**Boleta* < \**Bole*, com ambas as denominações a partilharem o mesmo radical (Dolç, 1955, pp. 19–21; Faria, 2003, p. 219; 2005b, p. 276; 2008a [2009a], p. 69).

Sem embargo das várias hipóteses que aqui expomos, se for **PolśCen**, e não **PolśCan**, a transliteração correcta, conforme já tivemos oportunidade de explicar (Faria, 2008a [2009a], p. 70), não fica de modo nenhum em causa “la consistente relación entre la leyenda **bolśkan** y el nombre de la ciudad en su versión latina, *Oscā* (...)” (Gorrochategui, 2006, p. 125). *Oscā* configuraria sempre uma das possíveis latinizações, tanto de \**Bolśca* como de \**Bolśce*. Lamentavelmente, o dislate cometido por Gorrochategui acabou de ser repetido por Beltrán Lloris (2018, p. 39).

Jordán (2019, p. 341) persiste em tentar dissociar o NL *Oscā* de \**Bolśca* / \**Bolśce* / \**Bolescan*, mas, tal como anteriormente (Jordán, 2008, p. 129), não aduz um só indício que sustente a sua opinião.

Pela nossa parte, continuamos a advogar a coexistência de dois NNL identificativos de outras tantas cidades contíguas — \**Boletum* / \**Boleta* < \**bole* e *Oscā* < \**Bolśca* / \**Bolśce* / \**Bolescan* — formados a partir da mesma raiz (\**bol*) (Dolç, 1955, pp. 19–21; Faria, 2003, p. 219; 2005b, p. 276). Muito nos surpreenderia, por conseguinte, que a evidente afinidade entre os NNL \**Bolśca* / \**Bolśce* / \**Bolescan* e *Oscā* não fosse mais do que uma “mera coincidência” (Quintanilla, 1998, p. 269).

Resta saber por que motivo não há em *Oscā* quaisquer vestígios da oclusiva inicial presente em **PolśCen**. Cremos que a melhor explicação para este facto reside na interferência ou na contaminação por “etimologia popular” do NE itálico *Osci* (Untermann, 1964, p. 103 e n. 47; Corominas, 1972, p. 273; García Alonso, 2003, p. 401 e n. 69; García Sánchez, 2007, p. 35).

### *Saguntum*

Curchin (2015, p. 78, n.º 849) fornece uma transcrição errónea do nome de um dos duúnviros mencionados em *RPC* I 200: L(*ucius*) SEMPRONIVS VETTVS em detrimento de L(*ucius*) SEMPR(*onius*) VETTO (Faria, 1994a, p. 53, n.º 339). Escapamos por completo os motivos que levaram Curchin (2015, p. 78, n.º 849) a considerar

que o presente nome se encontra em ablativo. Parece que Curchin não se terá dado conta de que o idionimo/*cognomen* \**Vettus* nem sequer se encontra epigraficamente documentado.

### *Tamusia*

Em divergência com Simón (2019, pp. 76, n. 123, 77) e com Jordán (2019, p. 293), não descortinamos qualquer motivo que nos conduza a questionar a autenticidade das moedas que exibem as legendas  $\times\text{M}$  / TAMVSIENSI (CNH 406:1), tanto mais que não conhecemos qualquer exemplar que corrobore a existência de  $\times\text{Y}$  como legenda de anverso. Há muito pouco tempo, sustentámos que  $\times\text{M}$  é a única abreviatura documentada nos anversos da emissão CNH 406:1 para  $\times\text{M}\uparrow\text{M}\uparrow\text{M}\uparrow$  (Faria, 2018, p. 122), mas pode dar-se o caso de a dita abreviatura estender-se a mais dois signos, formando um nexa com o grafema imediatamente anterior:  $\times\text{M}\uparrow\text{M}$ . Nesta circunstância, o  $\text{M}$  figuraria em posição invertida.

### *Tole*

Curchin (2015, p. 82, n.º 927) não se deu conta de que a transcrição correcta da legenda do anverso da emissão CNH 297:6–7 é a que aqui reiteramos — C(aius) VICIVS C(ai) F(i)LIO (sic) EX S C (Faria, 1994a, p. 56, n.º 398; 1994b, p. 123; 1996, p. 176; 1998a, p. 246; 2005a, p. 632; 2017, p. 86) —, encontrando-se a leitura C VICIVS C F necessariamente incompleta.

Nos últimos anos, Amela (2016, pp. 84–85; 2018b, pp. 56–58) leu C VICIVS C F EX S COI, mas, como acabámos de ver, trata-se de uma lição que não faz qualquer sentido. Tanto quanto sabemos, coube a Florez (1758, p. 595) a única tentativa de desdobrar a suposta sequência abreviada EX S C O I: EX S(enatus) C(consulto) O(btenta) I(ndulgentia). Até hoje, Amela não se pronunciou acerca da bondade (que consideramos nula) de uma tal exegese.

### *Vrso*

Tal como assevera Curchin (2015, p. 45, n.º 288), não há como determinar qual o *nomen* e o *cognomen* do magistrado L(ucius) AP(...) DEC(...) (CNH 367:1–5), que pode eventualmente ser o mesmo que figura nas moedas de *Murtili* (Faria, 1995a, p. 149), ainda que de uma tal identificação não se possa, de modo nenhum, depreender que “Sextus Pompée parvint en effet à s’emparer au début de 44 av. J.-C. d’Urso, Murtilis, et Baelo” (Augier, 2018, p. 453, n. 13).

Tão-pouco fará, a nosso ver, qualquer sentido transformar o *cognomen* do magistrado em apreço na abreviatura de *decreto* (Melchor, 2013, p. 142) ou na de *decurio* (Curchin, 2015, p. 45, n.º 288). Conforme vimos *supra*, consideramos ainda mais absurda (Faria, 1994a, p. 39, 1995a, pp. 148–149) a interpretação dos presentes *tria nomina* como a tradução latina de uma fórmula administrativa púnica (García-Bellido, 1993, pp. 121–123; Amela, 2012, p. 81). A abreviatura Q, que sucede a L(ucius) AP(...) DEC(...), deixa entrever a forte probabilidade de o magistrado em apreço ter exercido o cargo de questor provincial (Faria, 1994a, p. 36).

Ao ver na sequência L AP DEC Q a abreviação de uma fórmula administrativa púnica, Amela (2018a, p. 32, n. 135) só podia desqualificar a exegese que continuamos a encarar como a única admissível.

## APÊNDICE

*Tingi*

Depois de todas as provas de natureza numismática aduzidas em oposição à existência de uma pretensa *Colonia Iulia Tingi*, alegadamente instituída por Octaviano em 33 a.C. (Faria, 2018, *passim*, com a bibliografia precedente), temos de lamentar o facto de ainda haver quem continue a sustentar a posição contrária (Sisani, 2018a, pp. 42, n. 4, 43).

Moreno (2016, p. 401) lê na metade de um exemplar pertencente à emissão *RPC I* 859 a sequência ]TTIG RR[ que outros restituíram, com base em mais de que um exemplar, como [C IVL A]TTIC IV (Delgado, 1873, p. 356, n.º 19; Boyce, 1947, pp. 4–6; *RPC I*, p. 211). Teremos porém, de concluir que, à luz da observação da foto reproduzida por Moreno (2016, p. 402, Fig. 7), o *cognomen* abreviado do magistrado em questão, evidentemente truncado no início, é mesmo ]TTIC, nada indiciando, em contrapartida, que as duas letras posteriores ao *punctum distinguens* se leiam como RR ou IV. Com todas as reservas decorrentes de o exemplar em análise se encontrar seccionado ao meio, um inconveniente ao qual acresce o facto de as duas últimas letras do que resta da legenda circular apresentarem um ligeiro desgaste, parece-nos preferível transcrever toda a sequência como [C IVL A]TTIC BV[ ou como [C IVL A]TTIC RV, em detrimento de [C IVL A]TTIC IV. Não nos, parece, pois, viável a interpretação das letras subsequentes ao *cognomen* abreviado como referentes à magistratura desempenhada por *C. Iulius Atticus*.

**Bibliografia**

- ALLÉLY, Annie (2004) – *Lépide le triumvir*. Bordeaux: Ausonius.
- AMELA VALVERDE, Luis (2012) – Sobre la dificultad de leer una inscripción: la leyenda monetar L. AP. DEC. *Hispania Antiqua*. 36, pp. 67–85.
- AMELA VALVERDE, Luis (2018a) – El taller de Ikale(n)skan. *Gaceta Numismática*. 196, pp. 5–39.
- AMELA VALVERDE, Luis (2018b) – *Las amonedaciones tardías de la Celtiberia*. Sevilla: Punto Rojo Libros.
- ANTÓN GIL, Enrique (2019) – Publio Carisio. Deductor de la Colonia Augusta Emerita. *Revista de Estudios Extremeños*. 75:2, pp. 39–75.
- AUGIER, Bertrand (2018) – Sextus Pompée, un *imperator* (il)légitime à plus d'un titre : nouvelles interprétations autour de la titulature *praef. clas. et orae marit. ex s. c.* *Mélanges de l'École française de Rome – Antiquité*. 130:2, pp. 451–466.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (1996) – Conjuntos vocálicos en celtibérico. *Kalathos*. 15, pp. 163–179.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2004) [2005] – Notas a epígrafes celtibéricas de colecciones particulares. *Palaeohispanica*. 4, pp. 265–282.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (2018) – ¿bolískan o bolísken?. In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 15–50.
- BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces (1987–1988) – Nuevos magistrados monetales en Bilbilis. *Kalathos*. 7–8, pp. 115–122.
- BOYCE, Aline Abaecherli (1947) – *Coins of Tingi with Latin legends*. New York, NY: American Numismatic Society.

- CABALLOS RUFINO, Antonio (2005) – La actividad colonizadora en la Provincia Hispania Ulterior a fines de la República: la nueva tabla inédita de la Ley de Osuna y el *deductor coloniae*. In *Julio César y Corduba: tiempo y espacio en la campaña de Munda (49–45 a.C.)*. Córdoba: Caja sur Publicaciones, pp. 413–428.
- CABALLOS RUFINO, Antonio (2017) – *Hispalis, de César a Augusto. La Colonia Romula y los orígenes institucionales de la Sevilla romana entre la República y el Imperio*. Sevilla: Universidad.
- CAMPMAJO, Pierre; FERRER I JANÉ, Joan (2010) – Le nouveau corpus d’inscriptions ibériques rupestres de la Cerdagne (1): premiers résultats. *Palaeohispanica*. 10, pp. 249–274.
- CARO BAROJA, Julio (1943) – Observaciones sobre la hipótesis del vascoiberismo considerada desde el punto de vista histórico (conclusión). II (materiales epigráficos). *Emerita*. 11:1, pp. 1–59.
- CARO BAROJA, Julio (1947) – La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. 26:121, pp. 197–243.
- CARO BAROJA, Julio (1954) – La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, ed. – *Historia de España, I: España prerromana, II: etnología de los pueblos de Hispania*. Madrid: Espasa-Calpe, pp. 678–812.
- CARO BAROJA, Julio (1985) – *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Txertoa.
- CARO BAROJA, Julio (1988<sup>3</sup>) – *Sobre la lengua vasca y el vasco-iberismo*. 3.ª ed. (1979<sup>1</sup>). San Sebastián: Txertoa.
- CEBRIÁN SÁNCHEZ, Miguel Ángel (2003) – Denarios de *P. Carisio* acuñados en *Emerita Augusta*: estudio de cuños. In *Actas del XI Congreso Nacional de Numismática (Zaragoza 2002)*. Zaragoza: Fábrica Nacional de Moneda y Timbre, pp. 97–100.
- CENTENO, Rui Manuel Sobral (1984–1985) – [Recensão de] SUTHERLAND, C. H. V. (1984) – *The Roman Imperial Coinage, vol. I: From 31 BC to AD 69*, ed. C. H. V. Sutherland e R. A. G. Carson, edição revista, Londres, Spink & Son Ltd., 1984, xxii+306 págs., 32 ests. *Nummus*. 2.ª Série. 7–8, pp. 143–146.
- CENTENO, Rui Manuel Sobral (1987) – *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática.
- CHAVES TRISTÁN, Francisca (1979) – *Las monedas hispano-romanas de Carteia*. Barcelona: Asociación Numismática Española.
- CHAVES TRISTÁN, Francisca (2005) – La amonedación de Laelia. In *Arqueología en Laelia (Cerro de la Cabeza, Olivares, Sevilla): campaña de excavación de 1981*. Sevilla: Universidad, pp. 57–65.
- CHAVES TRISTÁN, Francisca (2012) – Arqueología de la conquista como elemento identitario: moneda y epigrafía monetar. In SANTOS YANGUAS, Juan; CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo, eds. – *Romanización, fronteras y etnias en la Roma Antigua: el caso hispano*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 173–205.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COROMINAS I VIGNEAUX, Joan (1972) – *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009a) – Reflexiones sobre la lengua de las inscripciones en escritura del Sudoeste o tartesia. *Palaeohispanica*. 9, pp. 295–307.

- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2009b) – Identidad, cultura y territorio en la Andalucía prerromana a través de la lengua y la epigrafía. In WULFF ALONSO, Fernando; ÁLVAREZ MARTÍ-AGUILAR, Manuel, eds. – *Identidades, culturas y territorios en la Andalucía prerromana*. Sevilla: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 273–295.
- CURCHIN, Leonard A. (1990) – *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press.
- CURCHIN, Leonard A. (2015) – *A supplement to The Local Magistrates of Roman Spain*. Waterloo: Autor [livro electrónico].
- DCPH I = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces (2001) [2002] – *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen I: introducción*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, María Cruces (2001) [2002] – *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2002) [2003] – Centro y áreas laterales: la formación del celtibérico sobre el fondo del celta peninsular hispano. *Palaeohispanica*. 2, pp. 89–132.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2003) – Cib. to Luguei ‘hacia *Lugus*’ frente a Luguei ‘para *Lugus*’: sintaxis y divinidades en Peñalba de Villastar. *Emerita*. 76:2, pp. 181–196.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2017) – Cuestiones de escritura en el celta de Hispania, Galia e Italia. *Palaeohispanica*. 17, pp. 251–277.
- DE HOZ BRAVO, Javier (1995) – El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT BUSQUETS, Jaume; VIVES I BALMAÑA, Elisenda, eds. – *Muntanyes i població: el passat dels Pirineus des d’una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenenques, pp. 271–297.
- DELAMARRE, Xavier (2019) – *Dictionnaire des thèmes nominaux du gaulois. I: Ab- / Ixs(o)-*. Paris: Les Cent Chemins.
- DELGADO Y HERNÁNDEZ, Antonio (1873) – *Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*. II. Sevilla: Antonio Izquierdo y Sobrino.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003<sup>2</sup>) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2<sup>e</sup> édition revue et augmentée. (2001<sup>1</sup>). Paris: Errance.
- DOLÇ I DOLÇ, Miguel (1955) – ¿Una cita altoaragonesa en Marcial?. *Argensola*. 6:21, pp. 15–21.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2019) – ¿Hablantes de lenguas itálicas en Hispania? Un análisis onomástico y sociolingüístico de la epigrafía latina hispana del siglo II a.C. *Athenaeum*. 107:2, pp. 388–423.
- FARIA, António Marques de (1989a) – A numária de \**Cantnipo*. *Conimbriga*. 28, pp. 71–99.
- FARIA, António Marques de (1989b) – Sobre a moeda do Noroeste da Hispânia: alguns comentários ao recente livro do Doutor Rui Centeno. *Arqueologia*. 20, pp. 90–96.
- FARIA, António Marques de (1991) – Epigrafía monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.

- FARIA, António Marques de (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1993) – [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) – *Roman Provincial Coinage, I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC–AD 69)*. London; British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. 2, pp. 140–146.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994b) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 143–153.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1999) – [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. – *Roman Provincial Coinage. I. From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC–AD 69)*, 2 Parts. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1992. 812 p. + 195 ests. ISBN 0-7141-0871-5 (BMP); ISBN 2-7177-1845-1 (BnF) e BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. – *Roman Provincial Coinage. Supplement I*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale, 1998. 60 p. + 10 ests. ISBN 0-7141-0894-4 (BMP); ISBN 2-7177-2049-9 (BnF). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 267–272.
- FARIA, António Marques de (2000) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2001a) – *Oppida ueteris latii Eborae, quod item Liberalitas Iulia, et Myrtilis ac Salacia* (Plin. nat. 4.117). *Vipasca*. 10, pp. 71–82.
- FARIA, António Marques de (2001b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2002) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2003) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2004a) – [Recensão de] BAGWELL PUREFOY, Peter; MEADOWS, Andrew – *Sylloge Nummorum Graecorum. Vol. IX, The British Museum. Part 2, Spain*. London: The British Museum, 2002, 192 p., 80 estampas. ISBN 0-7141-1802-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 608–612.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004c) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.

- FARIA, António Marques de (2005a) – [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau – *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana;1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 630–635.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2006) – Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:2, pp. 211–237.
- FARIA, António Marques de (2007a) – [Recensão de] BURNETT, Andrew M.; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS, Pere Pau; CARRADICE, Ian – *Roman Provincial Coinage. Supplement 2*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 306–315.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispânica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2017) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2018) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FLOREZ DE SETIÉN Y HUIDOBRO, Henrique (1758) – *Medallas de las colonias, municipios y pueblos antiguos de España; colección de las que se hallan en diversos autores, y de otras nunca publicadas, con explicación y dibujo de cada una. Parte segunda*. Madrid: Antonio Marin.
- FOY-VAILLANT, Jean (1688) – *Numismata aerea imperatorum, Augustarum, et Caesarum, in coloniis, municipiis, et urbibus jure Latio donatis, ex omni modulo percussa*. Paris: Daniel Horthemels.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1993) – Las cecas libiofenicias. In *Numismática hispano-púnica: estado actual de la investigación. VII Jornadas de Arqueología Fenicio-Púnica (Ibiza, 1992)*. Eivissa: Museo Arqueológico de Ibiza, pp. 97–146.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (2004) – *Las legiones hispánicas en Germania. Moneda y ejército*. Madrid: CSIC; Polifemo
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (2005) – La moneda hispánica en los horizontes bélicos peninsulares. In *Actas. Arqueología militar romana en Europa*. Segovia: Junta de Castilla y León, pp. 29–43.
- GARCÍA SÁNCHEZ, Jairo Javier (2007) – *Atlas toponímico de España*. Madrid: Arco Libros.

- GIARD, Jean-Baptiste (1976) – *Catalogue des monnaies de l'Empire Romain, I. Auguste*. Paris: Bibliothèque Nationale.
- GONZÁLEZ LUIS, Francisco (1995) – *Oscilaciones entre género masculino e femenino documentadas en latín medieval*. Madrid: Universidad Complutense <<https://eprints.ucm.es/3370/1/T20471.pdf>> [consulta: 27/12/19].
- GONZÁLEZ LUIS, Francisco (2003) – Oscilaciones de género y de declinación en la latinización de topónimos. In NIETO IBÁÑEZ, Jesús-María, ed. – *Lógos Hellenikós: homenaje al Profesor Gaspar Morocho Gayo*. Vol. 1. León: Universidad, pp. 139–148.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2006) – Onomástica vasconica y aquitana: elementos para el conocimiento de la historia antigua de Navarra. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. – *Navarra en la Antigüedad: propuesta de actualización*. Pamplona: Gobierno de Navarra, pp. 111–134.
- GUITER, Henri (1975) – Les bases oronymiques préromanes sur les Pyrénées méditerranéennes. *Cuadernos de Investigación Filológica*. 1:2, pp. 35–44.
- GUITER, Henri (1989) – Elementos de cronología fonética del vascuence. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 23:3, pp. 797–800.
- HOYOS, B. Dexter (1979) – Pliny the Elder's titled Baetican towns: obscurities, errors and origins. *Historia*. 38, pp. 439–471.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) – *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2004) [2005] – *Chronica epigraphica celtiberica III. Palaeohispanica*. 4, pp. 285–323.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2008) – Toponimia y etnonimia en leyendas monetales celtibéricas y vasconas: 1. Tarmeskom NO Bormeskon. 2. Bolśken NO Bolśkan. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. – *Celtic and other languages in ancient Europe*. Salamanca: Universidad, pp. 119–132.
- JORDÁN CÓLERA, Carlos (2019) – *Lengua y epigrafía celtibéricas*. 2 vols. Zaragoza: Universidad.
- LEJEUNE, Michel (1955) – *Celtiberica*. Salamanca: Universidad.
- MAYANS I SISCAR, Juan Antonio (1771) – *Ilici, hoi la villa de Elche, ilustrada con varios discursos*. Valencia: Francisco Burguete.
- MELCHOR GIL, Enrique (2013) – Instituciones de gobierno de las comunidades hispanas no privilegiadas (s. III a.C.–s. I d.C.): *senatus y magistratus*. In ORTIZ DE URBINA ÁLAVA, Estíbaliz, ed. – *Magistrados locales de Hispania: aspectos históricos, jurídicos, lingüísticos*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 135–158.
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MORA SERRANO, Bartolomé (2011) – Apuntes sobre la iconografía de las monedas de \*Beuipo-(Salacia) (Alcácer-do-Sal, Setúbal). In CARDOSO, João Luís; ALMAGRO GORBEA, Martín, eds. – *Lucius Cornelius Bocchus: escritor lusitano da Idade de Prata da literatura latina. Actas do colóquio celebrado em Tróia (Outubro de 2010)*. Lisboa: Academia Portuguesa da História; Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 73–102.

- MORENO PULIDO, Elena (2018) – *Imagen, identidad y moneda en el Fretum Gaditanum*. Cádiz: Universidad.
- PADILLA MONGE, Aurelio (2011) – Algunas cuestiones en torno a la elite de Carteia. *Gerión*. 29:1, pp. 239–263.
- PELLEGRINI, Giovan Battista (1990) – *Toponomastica italiana*. Milano: Hoepli.
- PORTILLO SOTELO, José Luis (2017) – *Carteia*, estudio de «la moneda del pescador». *Revista Numismática Hécate*. 3, pp. 42–54.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2002) – *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2005) – Estudios sobre la fonética y la morfología de la lengua celtibérica. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 153–364.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2007) – Aproximación a los nombres de agente celtibéricos en \*-et-: ‘tokoitos’, ‘tokoitei’, ‘ires’ y ‘aleites’ en el bronce de Botorrita y un nuevo esquema toponímico celtibérico. In HINOJO ANDRÉS, Gregorio; FERNÁNDEZ CORTE, José Carlos, eds. – *Munus quaesitum meritis: homenaje a Carmen Codoñer*. Salamanca: Universidad, pp. 731–739.
- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2008) – *El bronce celtibérico de Botorrita I*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2005) – *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France.
- RODDAZ, Jean-Michel (2000) – L’empreinte de César sur la péninsule Ibérique. In URSO, G., ed. – *L’ultimo Cesare: scritti riforme progetti poteri congiure: atti del convegno internazionale, Cividale del Friuli, 16–18 settembre 1999*. Roma: “L’Erma” di Bretschneider, pp. 259–276.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2000) – Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. 73, pp. 43–57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2001–2002) [2003] – Okelakom, Sekeida, Bolśken. *Kalathos*. 20–21, pp. 429–434.
- RPC I = BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1992) – *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC – AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RRC = CRAWFORD, Michael H. (1974) – *Roman Republican Coinage*. London; New York, NY: Cambridge University Press.
- RUIZ TRAPERO, María (2000) – *Las monedas hispánicas del Instituto de Valencia de Don Juan, II*. Madrid: Instituto de Valencia de Don Juan.
- SAQUETE CHAMIZO, José Carlos (2005) – Territorios y gentes en el contexto histórico de la fundación de la colonia *Augusta Emerita*. In NOGALES BASARRATE, Trinidad., ed. – *Augusta Emerita: territorios, espacios, imágenes y gentes en Lusitania romana*. Mérida: Ministerio de Cultura-Museo Nacional de Arte Romano-Fundación de Estudios Romanos, pp. 375–396.
- SAQUETE CHAMIZO, José Carlos (2011) – Aspectos políticos, estratégicos y económicos en la fundación de *Augusta Emerita*. In ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José María; MATEOS CRUZ, Pedro, eds. – *Actas Congreso Internacional 1910–2010: el yacimiento emeritense*. Mérida: Ayuntamiento, pp. 111–126.

- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2019) – Lenguas vernáculas de Hispania escritas en alfabeto latino: un episodio particular de la latinización. *Athenaeum*. 107:1, pp. 55–93.
- SISANI, Simone (2018a) – Le magistrature locali delle comunità municipali di ambito provinciale: uno studio sulla diffusione del quattuorvirato e del duovirato tra l'età tardo-repubblicana e l'età imperiale. *Gerión*. 36:1, pp. 41–77.
- SISANI, Simone (2018b) – Latinità non latina: lo “ius Latii” come strumento di integrazione delle comunità provinciali in età repubblicana. *Gerión*. 36:2, pp. 331–378.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1951) – Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico), In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 273–323.
- TRASK, Robert Lawrence (1997) – *The history of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- TRILLMICH, Walter (2019) – Los orígenes de la Colonia Augusta Emerita a través de las monedas. In NOGALES BASARRATE, Trinidad; BARRERO MARTÍN, Nova, eds. – *La fundación de Augusta Emerita y los orígenes de Lusitania*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos, pp. 84–111.
- UNTERMANN, Jürgen (1964) – Zur Gruppierung der hispanischen „Reitermünzen” mit Legenden in iberischer Schrift. *Madriider Mitteilungen*. 5, pp. 91–155.
- VALLEJO SÁNCHEZ, José, ed. (1946) – *Tito Livio, libro XXI*. Madrid: Instituto “Antonio de Nebrija”.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2005) – Indoeuropeos y euskaldunes en el País Vasco y Navarra. Genes, lenguas y topónimos. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María – *Vascos, Celtas e Indoeuropeos: genes y lenguas*. Salamanca: Universidad, pp. 367–514.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; JORDÁN CÓLERA, Carlos (2001) – Consideraciones generales sobre el contenido del IV Bronce de Botorrita. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; DÍAZ SANZ, María Antonia; MEDRANO MARQUÉS, Manuel María; JORDÁN CÓLERA, Carlos – *El IV Bronce de Botorrita (Contrebia Belaisca): arqueología y lingüística*. Salamanca: Universidad, pp. 133–153.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco; PRÓSPER PÉREZ, Blanca María; JORDÁN CÓLERA, Carlos; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Pilar (2011) – *Lenguas, genes y culturas en la Prehistoria de Europa y Asia suroccidental*. Salamanca: Universidad.
- VIVES Y ESCUDERO, Antonio (1926) – *La moneda hispánica: prólogo*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- WEISGERBER, Leo (1933) – Zur Inschrift von Nickenich. *Germania*. 17:1, pp. 14–22.